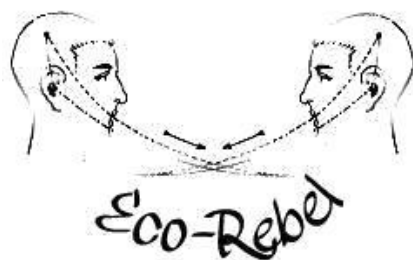


*Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 03, n. 02, p. 89-94, 2017.



## RESENHA

GAIO, Mario Luis Monachesi. *Etnicidade linguística em movimento: os processos de transculturalidade revelados nos brasileiro-italos do eixo Rio de Janeiro-Juiz de Fora*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Tese de Doutorado, 2017, 318p.

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG)

Antigamente, a defesa de teses de doutorado era um acontecimento social. Havia não só a presença dos familiares do candidato, mas também de outras pessoas e até da imprensa, que noticiava o evento para a comunidade. Hoje em dia, porém, a produção de dissertações de mestrado e teses de doutorado já é tão intensa que é praticamente impossível se ter uma visão de conjunto sobre elas. Nesse cenário, dificilmente uma tese se sobressai dentre as demais. Não é o caso da tese supra, de Mario Luis Monachesi Gaio, defendida na UFF, sob a orientação de Mônica M. M. Savedra, com coorientação de Konstanze Jungbluth, da Europa-Universität Viadrina, de Frankfurt-Oder, Alemanha. Trata-se de uma tese produzida fora do eixo Brasília-Goiânia que aplica de modo bastante consistente a variante da ecolinguística aí praticada, a linguística ecossistêmica. O que é mais, ela trata de um tema também pouco estudado, que é a imigração italiana em Juiz de Fora (MG) e no Rio de Janeiro, sendo que o normal é pensar em italianos em São Paulo e no sul do Brasil. Só esses dois motivos já justificariam a resenha dela em *ECO-REBEL*, como já fora feito com a tese *Corpus Approach to Ecological Discourse Analysis and L2 Writing Pedagogy*, de Robert Poole, defendida na University of Arizona (EUA), por usar conceitos da análise do discurso ecológica em outro país (*ECO-REBEL* v. 2. n. 2, 2016, p. 127-131).

É uma tese extensa (são 258 páginas de tese, mais 60 de anexos), mas, antes de tudo, intensa. Ela começa por uma seção de Introdução – subdividida em 5 capítulos – (p. 4-6), precedida de uma Nota Inicial (p.1), na qual se prepara o contexto para o que será discutido nas demais partes. A seção 2, Identidade e Imigração (22-58), discute em 7 capítulos e subcapítulos questões como "identidade linguística e cultural", "nacionalismo e identidade", "língua, cultura e identidade", "a internet como território" (uma grande

contribuição ao entendimento do território), "o ecossistema cultural" (assunto recém-introduzido na linguística ecossistêmica), "comunidade de fala", "a comunidade de fala na perspectiva da linguística ecossistêmica" e "as comunidades de prática". O autor deveria ter explicitado melhor em que as "comunidades de prática" se assemelham ou se diferenciam da comunidade de fala.

A seção 3, Contato de Línguas (58-77), discute a questão do título, embora não exponha a versão linguístico-ecossistêmica sobre o assunto, muito detalhadamente apresentada em Couto (2009). O autor cita clássicos como Weinreich, Thomason e Kaufman e outros, sem expor em pormenores nenhuma das propostas. Ele fala em "Contato de línguas e seus efeitos" (3.2), "Fronteiras linguísticas" (3.2.1), "Extinção de línguas" (3.2.2) – que é o que aconteceu no caso da língua dos italianos que investiga –, "Língua de herança e língua por herança" (3.2.3) e "Língua e emoção" (3.2.4), assunto bastante pertinente, mas que foi tratado de modo bastante sucinto.

A seção 4, Transculturalidade (77-104), toca em um dos assuntos mais importantes no contexto da tese. Nela são discutidos assuntos como "Migração, transnacionalismo, diáspora" (4.1), "Transculturalidade, hibridismo e sincretismo" (4.2), "Hibridismo cultural" (4.2.1) e "Sincretismo cultural" (4.2.2). O assunto é importante porque os descendentes de italianos em Juiz de Fora e Rio de Janeiro já estão totalmente assimilados

à cultura brasileira, às vezes não tendo nem interesse na ancestralidade. Não obstante, o conceito de transculturalidade é interessante, pois revela a porosidade e a maleabilidade da comunidade de fala em geral e, sobretudo, da dos italianos.

A seção 5, "A perspectiva ecolinguística" (104-135), é uma das exposições da variante brasileira da ecolinguística (a linguística ecossistêmica) mais detalhada feita fora do grupo centrado em Brasília e Goiás. O autor revela um grande conhecimento do assunto, expondo-o em seus mínimos detalhes. Tanto que a tese poderia ser considerada uma tese de ecolinguística, a despeito do fato de o autor declarar logo nas primeiras páginas que se trata de um trabalho de sociolinguística. Isso se explica pela divisão de áreas na academia, em que a ecolinguística ainda não tem o lugar que mereceria. No caso, a tese foi produzida no contexto da área de pesquisa sociolinguística.

A seção 6, "Metodologia de investigação" (135-236), é a mais longa da tese, preenchendo 96 páginas, sendo a seção sobre ecolinguística a segunda em extensão, 30 páginas. Aqui cabe uma crítica ao autor. Na verdade, os capítulos que compõem esta seção não tratam apenas de "metodologia". Pelo contrário, ela é o cerne da monografia, pois, é nela que o

autor interpreta a questão da imigração italiana em Juiz de Fora e Rio de Janeiro, mais na primeira cidade do que na segunda, de modo mais detalhado, aplicando sobretudo conceitos da linguística ecossistêmica. Por exemplo, ele faz uma interessante comparação entre uma comunidade de fala discutida na literatura linguístico-ecossistêmica com a dos jornaleiros descendentes de italianos em Juiz de Fora.

Na seção 7, "Discussão final" (237-242), podemos notar que o autor poderia ter abordado seu assunto da perspectiva da obsolescência e morte de língua. Tanto que ele mesmo diz que "O legado transcultural não é identificado através de marcas linguísticas claras e patentes nas falas de informantes, mas marcas culturais permaneceram através de atitudes registradas em artefatos, mentefatos e sociofatos que compõem o ecossistema cultural dos indivíduos, constituindo a manifestação da etnicidade em movimento" (p. 237). O autor acrescenta, "no entanto, sentir-se ou perceber-se descendente desses italianos imigrantes pode ser motivo de orgulho pela natureza do tipo de imigração". Por fim, vêm as "Considerações finais" (242-246), seguidas das Referências (247-257), bastante inclusivas.

De um modo geral, nota-se uma grande segurança teórica no autor, não só apresentando as teorias que irá utilizar, mas também sugerindo aperfeiçoamentos nelas, como a proposta de ampliar o conceito de território (T) para incluir o "território virtual". Mas, uma das grandes contribuições para a linguística ecossistêmica é o uso do conceito de "ecossistema cultural", proposto em época bastante recente (Couto 2016). Dos componentes da cultura (língua, naturofatos, artefatos, mentefatos, sociofatos) o autor do artigo nos forneceu exemplos convincentes de mentefatos. Aqui a tese ora resenhada apresenta uma grande contribuição para a linguística ecossistêmica, melhor, para o conceito de "ecossistema cultural" no subcapítulo 6.4. Entre os exemplos de mentafatos, temos o "sentimento de italianidade", a "memória individual", "territórios virtuais" etc. Mas, o mais interessante é a própria discussão sobre o assunto, salientando sua relevância. Um aspecto interessante da imigração italiana no Brasil é a onomástica. Isso pode ser constatado em qualquer lista de nomes, como nos elencos das novelas, nas listas de alunos nas escolas, sobretudo em escolas de São Paulo, mas não só. Infelizmente, porém, os nomes próprios não foram levados em conta na análise da comunidade de fala italiana de Juiz de Fora. Sabemos que o uso nomes de pessoas vivas em textos acadêmicas envolve questões éticas. Melhor, sabemos que os "comitês de ética" frequentemente proíbem seu uso. Mas, será que eles têm razão? Em pesquisas mais antigas, quando essa proibição

ainda não era moda, víamos pessoas orgulhosas de ver seu nome citado em textos publicados. Será que a proibição de uso de nomes de pessoas deve ser levada tão a ferro e fogo assim?

É claro que há aspectos na tese que devem ser melhorados. Começando por uma compressão ou até eliminação da longa enumeração de dados do IBGE que se vê a partir da página 8. Além disso, o autor não deu o devido valor a um fator que, a meu ver, sempre contribuiu para o desaparecimento da língua e cultura de imigrantes, a semelhança/diferença linguístico-cultural. Será que o fato de a língua e a cultura italiana, além do biótipo dos falantes, serem bastantes parecidas com as dos brasileiros não tiveram nenhum papel no desaparecimento da língua italiana? Veja-se o caso do japonês em São Paulo e do alemão no sul do Brasil. São línguas e culturas bem mais distantes das brasileiras, motivo pelo qual mantêm por muito mais tempo o que trouxeram do país de origem. O autor se propõe aplicar a sociolinguística, mas, na verdade, introduz diversas outras teorias que contribuem com ela, ressaltando-se a ecolinguística (linguística ecossistêmica), até mesmo conceitos mais recentes, como "ecossistema cultural". Por isso, teria sido melhor partir de uma única teoria, como a ecolinguística, e recorrer ao auxílio de outras se e quando necessário. Afinal, a linguística ecossistêmica é multimetodológica. Ela sozinha daria conta do recado. No entanto, isso não deslustra o valor da tese.

Os aspectos positivos da tese são de longe muito mais numerosos do que os negativos. Primeiro, não há muitos dos costumeiros defeitos de forma, como erros de digitação, obras mencionadas no texto que não estão nas Referências, e vice-versa, etc. Segundo, o fato de ter chamado a atenção para os dois sentidos mais usados nas interações comunicativas, audição e visão, embora as pessoas não se limitem a eles (isso talvez possa ser interessante no estudo das 'regras interacionais'). Na verdade, nos atos de interação comunicativa pode-se lançar mão de qualquer um dos cinco sentidos. Terceiro, para a linguística ecossistêmica temos não apenas a exposição e comentário dos conceitos teóricos, mas também aplicação de muitos deles, frequentemente seguidos de alguma crítica, muito bem-vinda. Quarto, nota-se que o autor propõe algumas inovações terminológicas, como "multivíduo" e "brasileirítalos", já que os indivíduos que são objeto de seu estudo fazem parte de diversas redes interacionais.

Há aspectos que poderiam ter sido apresentados de outra perspectiva. Por exemplo, teria sido melhor se o autor tivesse tratado da questão dos imigrantes italianos de Juiz de Fora

e Rio de Janeiro da perspectiva da obsolescência e morte de língua, em vez da do "contato de línguas". É a obsolescência que salta à vista na tese. Afinal de contas, obsolescência e morte de línguas são consequências do contato. Melhor dizendo, elas são duas das consequências do contato. Na verdade, o autor toca na questão da obsolescência/morte de língua e cultura. Teria sido muito interessante se ele tivesse discutido um pouco mais qual das duas permanece por mais tempo, se fósseis culturais são mais encontráveis do que fósseis linguísticos. O autor menciona de passagem um ou dois exemplos, mas sem lhes atribuir uma importância maior. Por fim, já que a tese adota a perspectiva ecolinguística, teria sido interessante se, no que discute da página 93 em diante, tivesse enfatizado que, nesta teoria, não se fala em "norma culta", por ser muito preconceituosa, nem em "norma padrão", por ser também preconceituosa mesmo que em menor grau: o que não é padrão é "desvio", logo, algo pior. Por tudo isso, a linguística ecossistêmica prefere os conceitos de "língua estatal" e "dialeto estatal", ou seja, aqueles ligados ao estado, variedades que se opõem a "dialetos urbanos" e "dialetos rurais".

A ideia de "nuvem de interação" (p. 121) é muito interessante. No entanto, a expressão que o autor usou para expressá-la não parece muito feliz. Na verdade, os interagentes estão com os pés firmemente fincados no chão. A única questão é que estão distantes fisicamente um do outro. Não teriam sido melhores expressões tais como "interação *in absentia*", "interação à distância" e assemelhadas? Já que o autor se utilizou do arcabouço teórico da linguística ecossistêmica, teria sido interessante incluir nessa discussão o conceito de "descomunhão" discutido em Couto (2015). Teria sido interessante, outrossim, que o autor tivesse ressaltado que a ecolinguística que utiliza não é a "linguística ambiental", que trata só de questões ecológico-ambientais, questão discutida detalhadamente em Couto (2017).

Enfim, trata-se de uma tese inovadora por vários motivos. Afinal, ela usa uma teoria ainda jovem, a ecolinguística, sobretudo sua variante linguística ecossistêmica. Como se trata de uma proposta teórica ainda pouco conhecida no Brasil, o trabalho de Mario Gaio traz uma grande contribuição à teoria, não só expondo-a, mas também criticando alguns pontos, sugerindo aplicações e até propondo novos conceitos que poderiam enriquecê-la. Outra contribuição é tratar de um caso de imigração pouco estudado.

### Referências

COUTO, Hildo H. do. Descomunhão. Disponível em:  
<http://ilinguagem.blogspot.com.br/2015/09/descomunhao.html>

\_\_\_\_\_. Ecosistema cultural. Disponível em:  
<http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br>

\_\_\_\_\_. Linguística ambiental. Disponível em:  
<http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2017/03/linguistica-ambiental.html>

Recebido: 30/04/2017.

Aceito: 25/06/2017.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 3, n. 2, 2017.